

CASA
abrigo





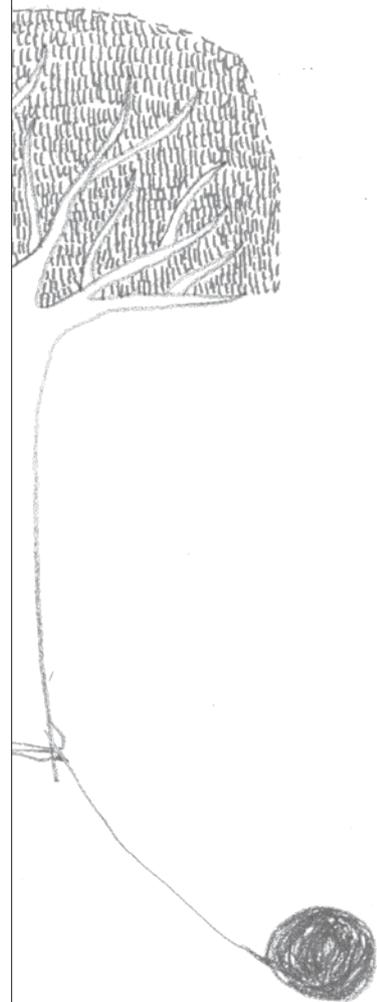
Na penumbra das casas as mulheres respiram – surdas, lentas, cegas de beleza.

Herberto Helder

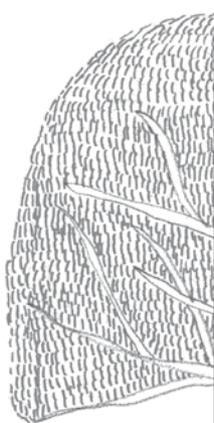


*Nossa Senhora
Das coisas impossíveis que procuramos em vão
Dos sonhos que vêm ter connosco ao crepúsculo, à janela [...]
Vem e embala-nos,
Vem e afaga-nos,
Beija-nos silenciosamente na fronte,
Tão levemente na fronte que não saibamos que nos beijam
Senão por uma diferença na alma,
E um vago soluço partindo melodiosamente
Do antiquíssimo de nós
Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha
Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos
Porque os sabemos fora de relação com o que há na vida.*

Álvaro de Campos



Circolando: *traços comuns de um projecto*



Circolando desenvolve a sua actividade desde 1999. A criação e difusão de espectáculos constituem os objectos nucleares do projecto. De modo complementar, promove também ateliers de formação em diversos campos artísticos. Em todas as suas criações e produções, é possível identificar traços comuns que reforçam a ideia da existência de um projecto artístico alargado. Traços comuns que julgamos caracterizam e distinguem Circolando e que tentamos esquematizar em alguns pontos:

Multidisciplinaridade: *uma linguagem artística própria*

Circolando pretende afirmar uma linguagem artística própria, feita do cruzamento dos universos do teatro físico, da dança, do teatro-imagem, do teatro de objectos, do circo, da música, do vídeo e das artes plásticas. Todos os projectos desenvolvem uma linguagem visual, sensorial e poética. Todos abordam o universo dramaturgico pela construção de quadros que, libertos de toda a lógica narrativa, constroem histórias sob a forma de fragmentos. Mais do que contadas, essas histórias querem-se livremente inventadas por um espectador contemplativo. Não se pretende oferecer um sentido, mas despertar todos os sentidos... com imagens, músicas, cheiros, emoções...



Trabalho de criação permanente: *work in progress*

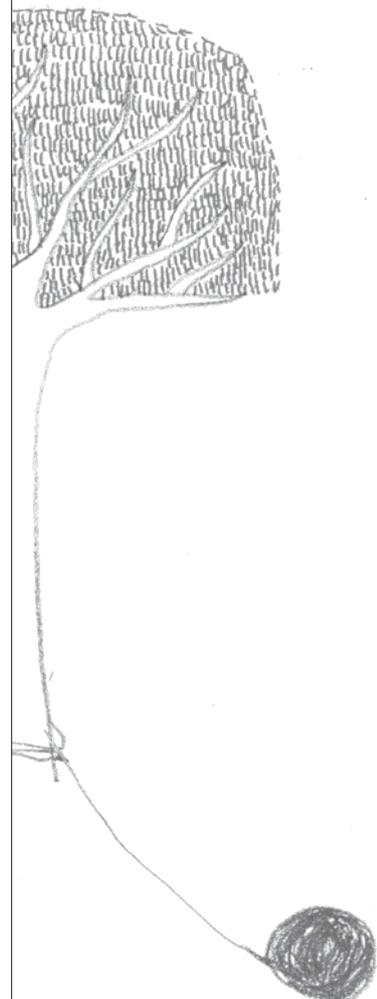
Resultado da experimentação e da pesquisa, do trabalho sobre propostas colectivas, todos os projectos exigem para si longos processos de criação e maturação.

Em todos, as estreias em vez de constituírem o tradicional encerramento do processo de criação, indicam o seu relançamento. Significam a partilha de um trabalho ainda frágil, mas que já se quer questionado e criticado, de modo a que o seu processo de criação adquira novos fôlegos... tudo é de novo possível, mas este tudo passa a orientar-se pelas questões, pelas críticas, pelas certezas que surgem num primeiro ciclo de apresentações.

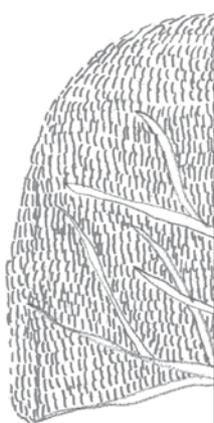
Itinerância: *nacional e internacional*

Procurando acentuar-se o carácter nómada dos vários projectos, quer-se que todos eles conheçam um circuito diversificado de itinerância, tanto em Portugal como ao nível internacional.

Fora de Portugal, Circolando já foi acolhida em Espanha, França, Bélgica, Itália, Holanda, Reino Unido, Alemanha, Áustria, Eslovénia, Brasil, Coreia do Sul e China. Vem reunindo críticas muito positivas, alargando o reconhecimento e visibilidade do projecto.

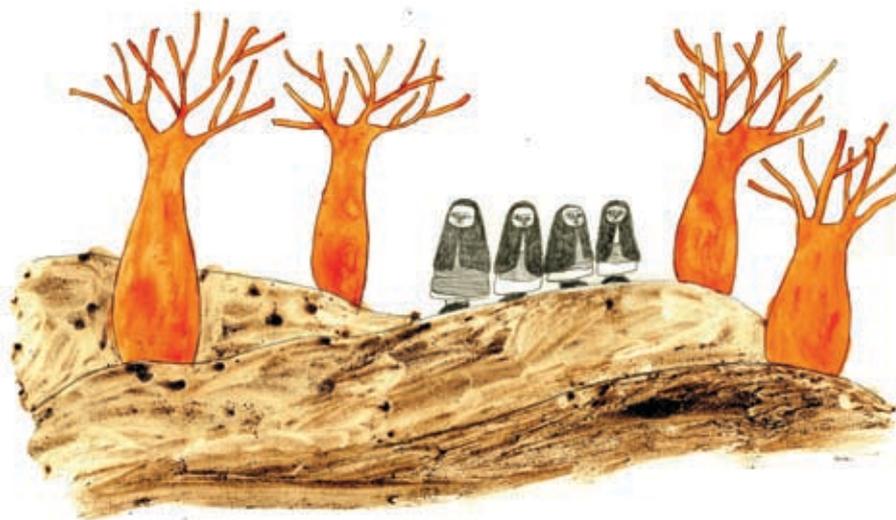


Casa-Abrigo



Tomando por pontos de partida as obras de Gaston Bachelard e Louise Bourgeois, chegamos a um conjunto de palavras-chave que nos servem de guia: casas abandonadas, suspensas no tempo, reocupadas pela natureza. Casas que se abriram ao céu, casas que ganharam raízes. Abrigos, refúgios, casulos, ventres. Mulheres-casa-mãe. Fiadeiras e tecedeiras. Aranhas, ovelhas, bichos-da-seda. Fios e novelos. Dobadoiras e teares. Cantos de trabalho. Canções de embalar. Baloços em sonhos imensos. Sonhos de mar e sal. Sonhos com ninhos de pássaros.

Um concerto-encenado, uma projecção vídeo e várias instalações são os modos que escolhemos para abordar estas temáticas. O cruzamento de várias linguagens artísticas – teatro físico, dança, artes plásticas, música, vídeo – está então na base deste nosso teatro de imagens próximo da poesia. Com uma componente deambulatória, *Casa-Abrigo* tece fortes relações com o espaço que a acolhe. Cada lugar há-de torná-la um acontecimento único. A recriação contínua é, pois, uma das marcas do espectáculo.



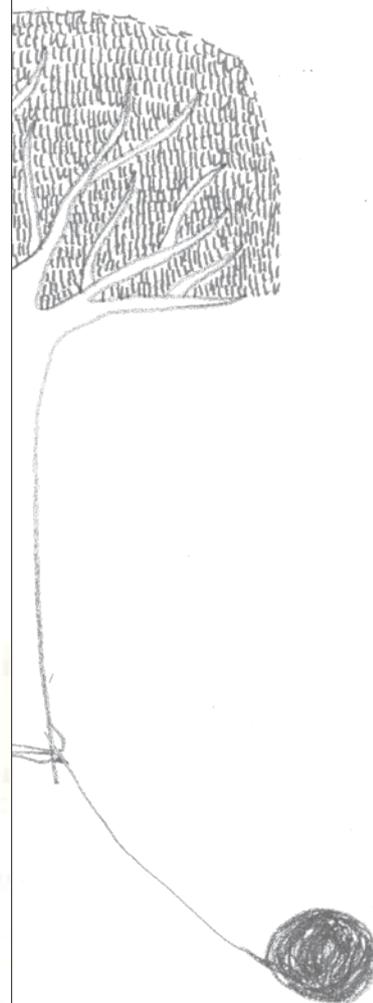
Casa-Abrigo, segundo projecto do ciclo *Poética da Casa*, volta a olhar para este espaço com um refúgio privilegiado do sonho.

As casas que o tempo fundiu com a natureza são o ponto de partida. Casas com árvores e com pássaros. Casas com terra, chuva e vento. Casas feitas de um tempo suspenso, fora dos dias, próximo da eternidade.

Nelas fomos encontrar um grupo de mulheres que sonha com um fio misterioso capaz de tecer um abrigo para resguardar um mundo feito de luz e de histórias brancas. Um fio capaz de tecer uma casa de paredes maleáveis que nos envolvem e nos aconchegam. Uma casa-ninho, casulo, ventre. Uma casa que nos guarda para sempre *o regaço aquático da nossa mãe*.

Começamos por encontrá-las nos seus quartos de sonho. Vestem vestidos feitos com os materiais da casa, pedra, pó e cal. Mulheres eternas, estátuas que respiram. Seguimo-las de quarto em quarto, de sonho em sonho. O percurso leva-nos ao lugar dos seus segredos, dos seus rituais. Um sótão feito de fios, refúgio dos vários instrumentos dos ofícios do tecer.

Ali, despem os seus invólucros de pedra e revelam-nos intacto o seu lado de crianças. É tempo de celebração do novo fio. Fazem soar os seus engenhos tornados instrumentos de música e trazem-nos a memória de um mundo rural antigo. Comunidades de trabalho e afecto onde o homem está ausente. O fio com início no mais fundo de nós será tecido em forma de casulo. A casa-abrigo que nos devolve a paz do berço. Respiramos fundo e obrigamos o mundo a relaxar. Uma golfada de ar que nos enche de branco a cabeça.

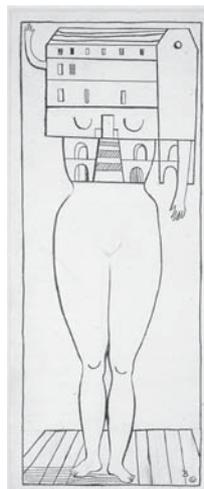
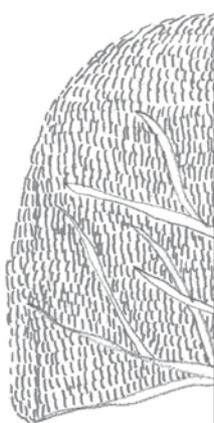


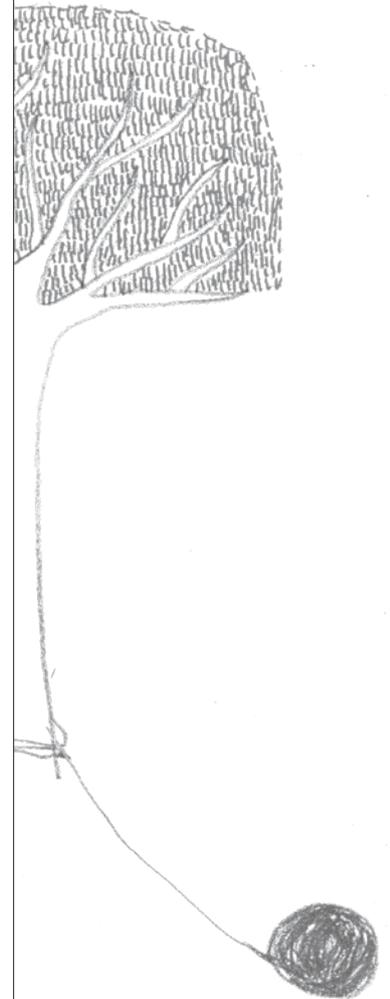
Enquadramento dramaturgico

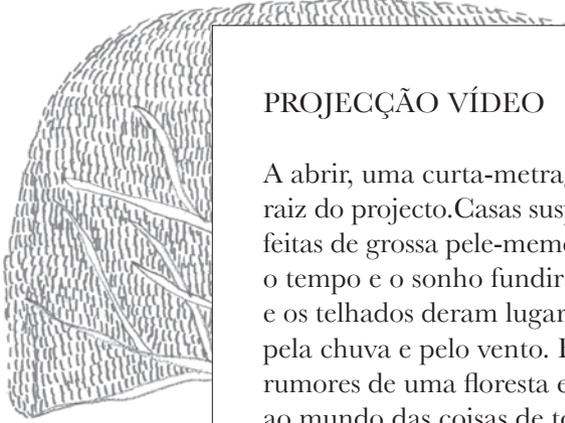
Casa-Abrigo constitui o projecto intermédio do ciclo temático de longa duração na Circolando *Poética da Casa*. Desde a sua origem que este ciclo foi pensado como uma trilogia, abrindo-o o espectáculo *Quarto Interior* e encerrando-o o espectáculo *Mansarda*. *Quarto Interior* estreou em Maio de 2006 e *Mansarda* conhecerá a sua primeira apresentação pública no final de 2009. Pelo meio, em Maio de 2008, e promovendo o encontro destes dois espectáculos, surge *Casa-Abrigo*.

Casa-Abrigo desenvolve-se a partir das temáticas transversais a toda a *Poética da Casa*. Em *Poética da Casa*, casa significa refúgio protegido do sonho. Conceito-nuclear sintetizado nas palavras de Bachelard: *se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz*. A casa é, então, casa-mãe. Casa-ninho, casulo, ventre, morada da felicidade primitiva. Casa onde se recupera um tempo suspenso, quase esquecido: o tempo de todas as idades da inocência. A casa abre-se ao céu, ao vento, ao mar. A casa transcende a geometria.

No plano concreto, *Poética da Casa* procura esse convite ao sonho nas casas abandonadas. Casas esvaziadas, silenciadas, convertidas em seres da natureza. Referências nucleares do ciclo são os escritos de Bachelard em *A poética do espaço* e os desenhos, as esculturas e as instalações de Louise Bourgeois. As celas, os ninhos, as mulheres-casa e a metáfora que liga a mulher-casa-mãe ao mundo da tecelagem e das aranhas.







PROJECCÃO VÍDEO

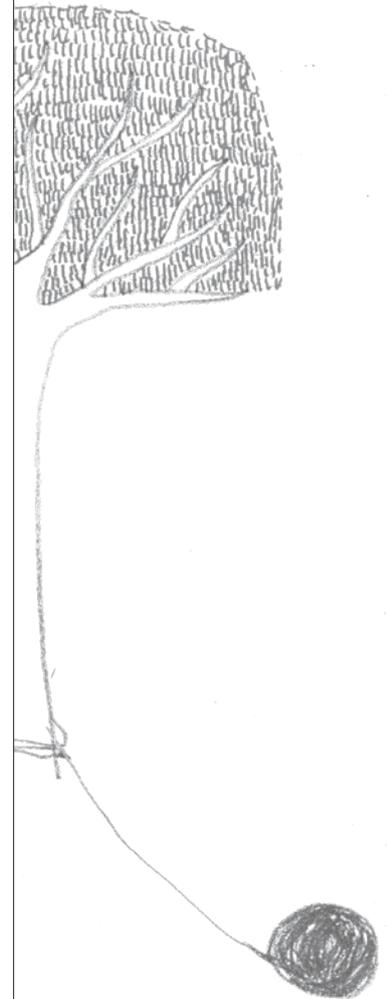
A abrir, uma curta-metragem vídeo leva-nos de visita às casas que estão na raiz do projecto. Casas suspensas no tempo. Casas feitas de silêncio e ausência, feitas de grossa pele-memória. Casas repletas de restos de histórias. Casas que o tempo e o sonho fundiram com a natureza. Os chãos cobriram-se de terra e os telhados deram lugar ao céu. Estas casas são agora atravessadas pelo sol, pela chuva e pelo vento. Entre as quatro paredes, espelhos de água parada e rumores de uma floresta em crescimento. Perderam os laços que as prendiam ao mundo das coisas de todos os dias. Ali, recuperamos o doce vagar da contemplação.

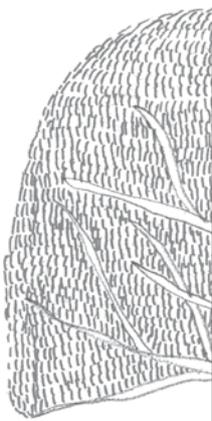


PERCURSO PELOS QUARTOS-INSTALAÇÕES

Pedaços destas casas recriamos nós em vários quartos-instalações. Os quartos-refúgio de mulheres-casa-mãe. Mulheres eternas que se vestiram com os materiais da casa e ali vivem zelando para que ela sempre seja a morada privilegiada do sonho.

Ali vivem delirando com os elementos que trazem ao quarto as paisagens da imensidão. Delirando com o sal e o mar, com cadeiras empilhadas que nos levam ao alto e nos juntam aos pássaros em viagem. Ali vivem delirando com os *sonhos das casas que aspiram a uma leveza aérea*.

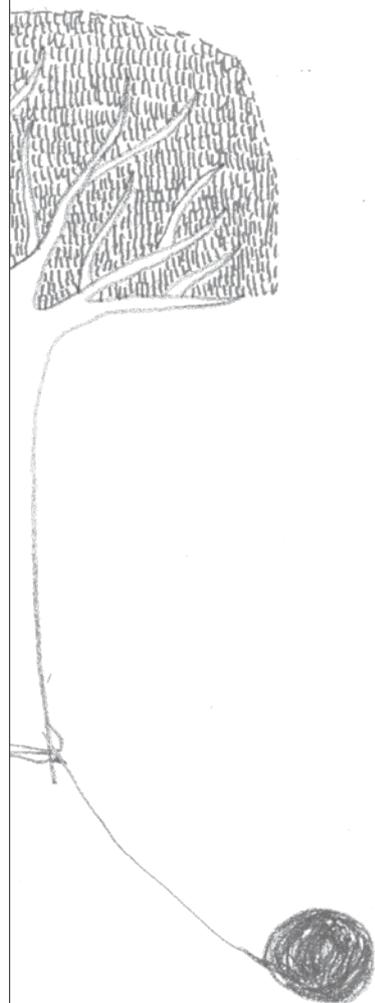


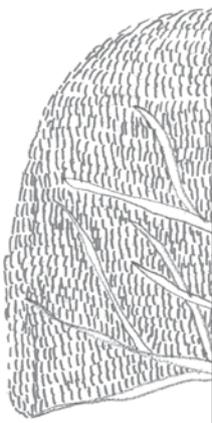


Sonhos que aqui encontramos cruzados com uma outra quimera. Esta, feita de fios misteriosos capazes de tecer casulos que nos afastam dos males do mundo. O sonho secreto de mulheres-casa-mãe, que ciclicamente celebram juntas num ritual. Sonho anunciado num quarto feito de desenhos e depois continuado na pequena floresta das árvores lãzudas.

Sonho que marca a direcção de todo o percurso pelos quartos-instalações. Uma das mulheres-escultura acolhe o público e guia-o de quarto em quarto reunindo o grupo das velhas-crianças. Todas elas trazem consigo uma roca musical e uma pequena luz. O público segue aquele seu fio melodioso até ao sótão dos vários instrumentos dos ofícios do tecer.







CONCERTO-ENCENADO

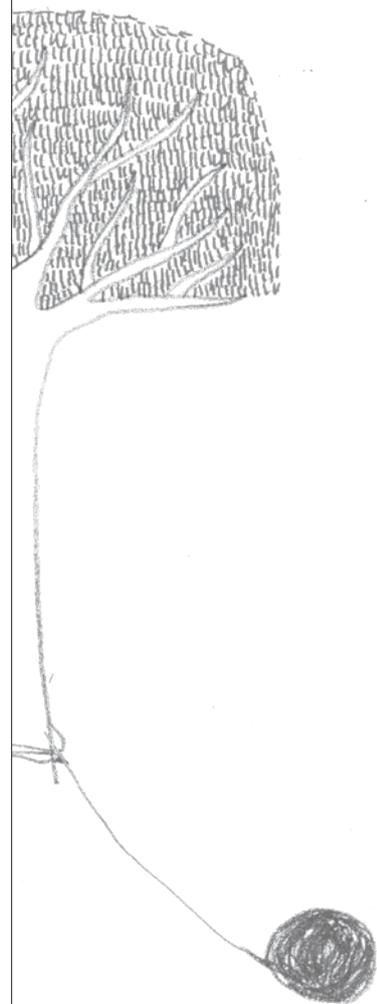
Ali, naquele espaço feito de fios, onde um tear gigante se funde com as asnas de um telhado, remontam a um tempo antigo. A criança que nelas se mantém intacta surge quando despem os seus vestidos de cal e pedra. Os ofícios das fiadeiras e das tecedeiras estão-lhes entranhados no corpo e na alma. Confundem-se com os bichos-da-seda e com as aranhas e tiram do fundo de si um fio que misturam com a lã que colheram.

Fazem soar os seus engenhos tornados instrumentos de música e relembram as comunidades de trabalho a que não são alheias a música e a festa. Ao ritmo do pedal, como as antigas máquinas de costura, uma orquestra de sanfonas enche-nos de sonoridades desconhecidas. Melodias que nos dizem algo daquelas gentes. A saudade, a ternura, o choro baralham-se com os risos, os resmungos e a galhofa.

Cantam e tecem o grosso fio lãzudo em forma de casulos. Refúgios que nos trazem de volta o abraço que nos protegia de tudo, nos garantia um mundo em paz.



Deixamo-los ali suspensos e damos forma à leveza que sentimos por dentro.
Cobrimos tudo com um imenso manto branco. Paredes que nos envolvem e nos aconchegam. Casa-abrigo de todas as idades da inocência.



Memorial de uma okupação

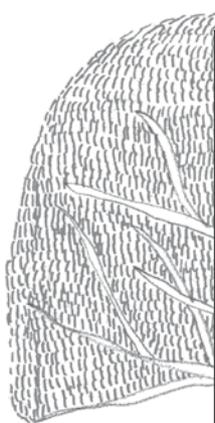
Excerto de uma entrevista com ANDRÉ BRAGA e CLÁUDIA FIGUEIREDO por ocasião da estreia do espectáculo. Por JOÃO LUÍS PEREIRA.

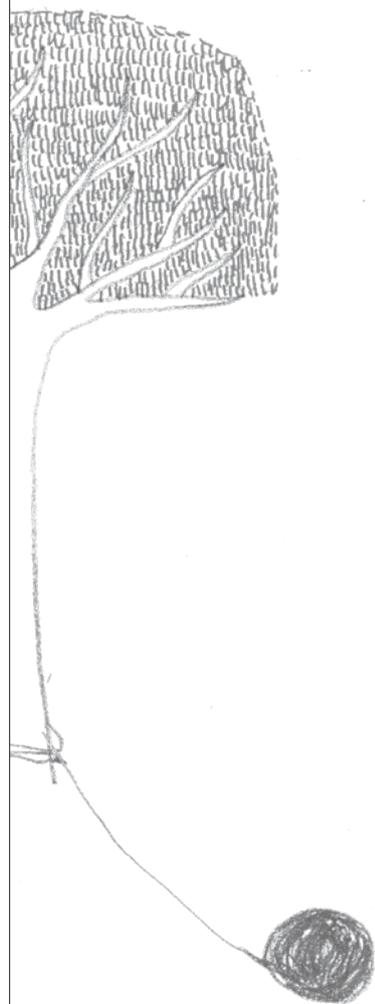
JOÃO LUÍS PEREIRA - Textos de Gaston Bachelard, instalações de Louise Bourgeois, fotografias de Mario Giacomelli, poemas de Al Berto... Como é que a partir desta babel de referências se começa a construir um espectáculo?

ANDRÉ BRAGA e CLÁUDIA FIGUEIREDO - São matérias combustíveis que activam conceitos que nós vamos materializando em objectos e gestos. Funcionamos muito por associação de ideias, justaposição de imagens, colagens de fragmentos. Todas essas referências são convocadas e filtradas, e à medida que as vamos experimentando, que as vamos concretizando em cena, umas vão caindo, outras são retomadas, algumas são mesmo esquecidas. Uma das instalações, por exemplo, foi sugerida por um poema do Al Berto; outra foi construída a partir de um conjunto de ilustrações da Ana Madureira, que de certa forma sintetizam o universo que nós queremos que ande pela cabeça das pessoas. Para o ciclo *Poética da Casa* – de que *Casa-Abrigo* é o segundo momento, depois de *Quarto Interior* [2006] –, aquilo que desde sempre nos interessou, baseados em textos do Gaston Bachelard, foi trabalhar a casa enquanto refúgio do sonho, a casa-mãe onde nos sentimos protegidos para nos abandonarmos em paz aos delírios do devaneio. Procurámos esse convite ao sonho em casas abandonadas, sem telhados, que voltaram a ser invadidas pela natureza. Depois, quisemos inventar as figuras que preservam esses abrigos, e aí, inspirados pelas instalações e pelos desenhos da Louise Bourgeois, chegámos às mulheres-casa-mãe. Mulheres fundidas com os materiais da casa, com o pó e com a cal das paredes, que zelam pela existência desses ninhos de sonhos, pequenos refúgios, tocas e casulos que nos devolvem o mundo suspenso do ventre materno.

J. L. P. - Quem são as seis personagens femininas que nos vão conduzir pelos recantos desta *Casa-Abrigo*?

A. B. e C. F. - Tem sido uma luta tremenda para as encontrarmos. Não foram escritas, foram sendo criadas por nós e pelas actrizes. Mas começaram por ser figuras – mulheres-escultura que o tempo eternizou em forma de estátuas – que procurámos depois humanizar. Agarrámos na metáfora da Louise Bourgeois, que olha a figura da mãe nas suas ligações ao universo da tecelagem, e começamos







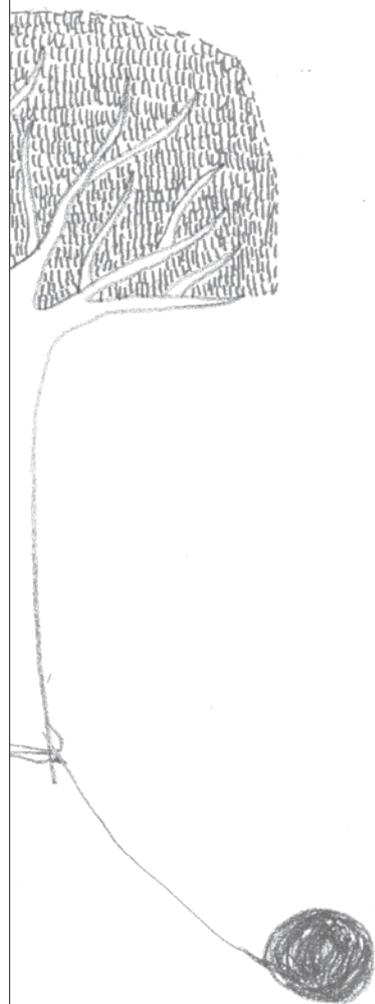
a trabalhá-las enquanto fiadeiras e tecedeiras de um mundo rural antigo. Depois, construímos para elas um segredo e um ritual ligado à construção dos tais abrigos de um mundo de sonhos claros. São mulheres velhas que carregam dentro de si o espanto das crianças, corpos que transportam as marcas do tempo, as deficiências da vida: rugas, deformações, torções... Acima de tudo, procurámos nelas um olhar luminoso, um olhar que as aproxime dos animais e das crianças, que transmita simultaneamente inocência e brutalidade.

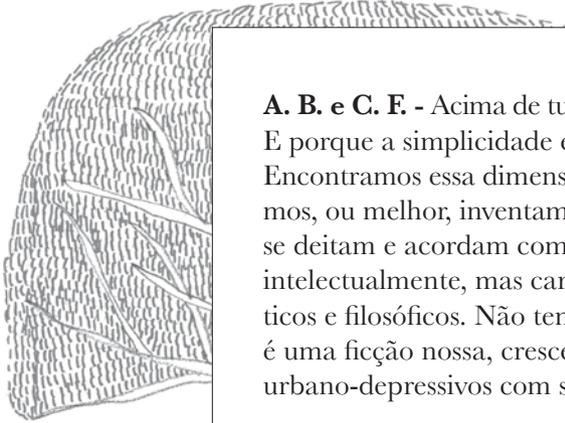
J. L. P. - *Casa-Abrigo* poderia ser descrito como uma espécie de museu imaginário – onde se expõem filmes, esculturas, instalações, ilustrações... – subitamente animado, transfigurado pela presença humana. Como é que a vida foi contaminando essa paisagem de materiais dispersos?

A. B. e C. F. - O vídeo que abre o espectáculo sugere esse movimento, quando no final a sombra de uma mão se confunde com a sombra de troncos e ramos de árvores, numa espécie de coreografia animista projectada na parede de uma casa abandonada. É como se de repente todas as coisas ganhassem uma vida, uma alma. É curioso que refiras o conceito de museu imaginário, porque a ideia inicial deste projecto, quando ainda pensávamos fazê-lo numa casa devoluta, não andava muito longe disso: haveria uma série de quartos-instalações que as pessoas podiam visitar a qualquer hora do dia, fora dos horários do espectáculo, que na altura se resumiria apenas ao concerto encenado. Mas à medida que as personagens se foram impondo nas nossas cabeças, quando tomaram as rédeas de todo o projecto, fomos confrontados com este desafio: como conciliar um universo estático com uma dimensão mais performativa? Os quartos deixaram de ser apenas instalações e passaram a estar mais próximos de dispositivos cenográficos, habitados por aquelas personagens de carne e osso. A dimensão interpretativa, teatral, acabou por prevalecer. O mais importante agora é aquilo que as personagens vivem e fazem o público viver.

J. L. P. - Em todo o vosso percurso é notório um fascínio muito particular por actividades rurais, artesanais. Os mineiros de *Charanga* [2003] e *Cavaterra* [2004], as fiadeiras e as tecedeiras de *Casa-Abrigo*. Nostalgia de um tempo perdido, saudades do campo, memórias de infância?





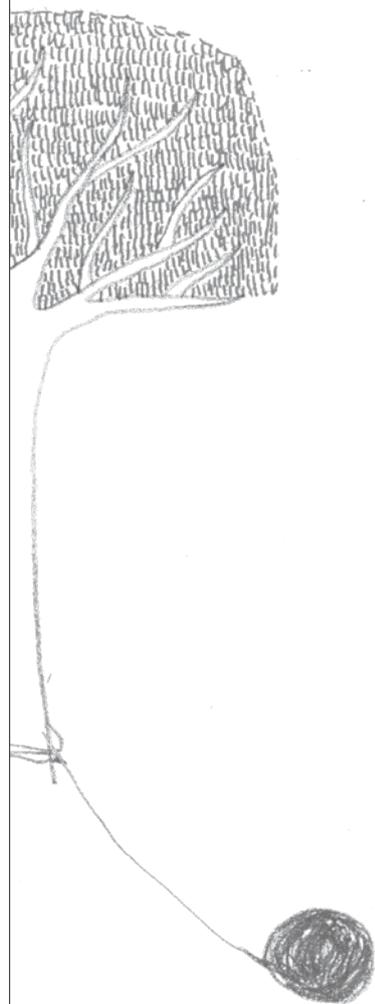


A. B. e C. F. - Acima de tudo, a busca de um tempo mais lento e contemplativo. E porque a simplicidade e a genuinidade dessas pessoas nos encantam. Encontramos essa dimensão mais terra a terra – ou julgamos que a encontramos, ou melhor, inventamos que a encontramos – junto daquelas pessoas que se deitam e acordam com as galinhas. Talvez não sejam muito sofisticadas intelectualmente, mas carregam dentro de si grandes questionamentos poéticos e filosóficos. Não tem nada a ver com as nossas memórias de infância, é uma ficção nossa, crescemos na cidade, mas não somos propriamente uns urbano-depressivos com saudades do campo.

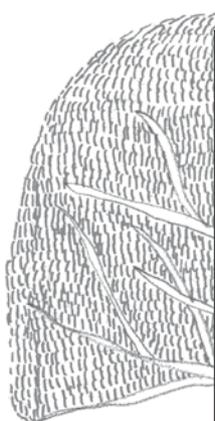
J. L. P. - O escritor francês Charles Péguy disse algures: *Fazer a revolução também é repor no seu lugar coisas muito antigas, mas esquecidas...*

A. B. e C. F. - Por vezes entramos em conflito interior, porque visto de fora parece que andamos a fazer o elogio de um Portugal rural e ancestral. Mas não o fazemos numa perspectiva nostálgica ou politicamente conservadora. É claro que nos interessa a actualidade política e social, e todo o nosso trabalho reflecte tudo isso, se calhar não de uma forma explícita ou panfletária. Buscamos esse tempo perdido, esses refúgios de beleza para os trazermos para este aqui e agora. Por vezes, é preciso desacelerar ou suspender o tempo para voltar a ver, perceber e viver outras realidades. E sim, esse gesto pode ser considerado revolucionário. Como a poesia. Ela está mais próxima desse estado de suspensão e de revelação, provavelmente mais perto do que outras formas de arte ancoradas em lógicas mais narrativas.





Casa-Abrigo [duração: 90 min aprox]



criação colectiva

direcção artística: *André Braga e Cláudia Figueiredo*

direcção e concepção plástica: *André Braga*

dramaturgia: *Cláudia Figueiredo*

concepção/construção instrumentos: *André Braga, Alfredo Teixeira, Sandra Neves, Nuno Guedes e Duarte Costa*

concepção/construção vestidos-escultura: *Lília Catarina e Sandra Neves*

construção: *Nuno Guedes (coordenação), Sandra Neves, Hugo Almeida, Carlos Pinheiro e Américo Castanheira*

composição musical: *Alfredo Teixeira (concerto), João Vladimiro (vídeo/instalações)*

vídeo: *João Vladimiro com colaboração de Ana Carvalhosa, André Braga e Cláudia Figueiredo*

instalações: *André Braga e Cláudia Figueiredo com colaboração de João Vladimiro e Carlos Pinheiro*

figurinos: *Inês Mariana Moitas*

ilustrações: *Ana Madureira*

desenho de luz: *Cristóvão Cunha*

desenho de som: *Harald Kuhlmann*

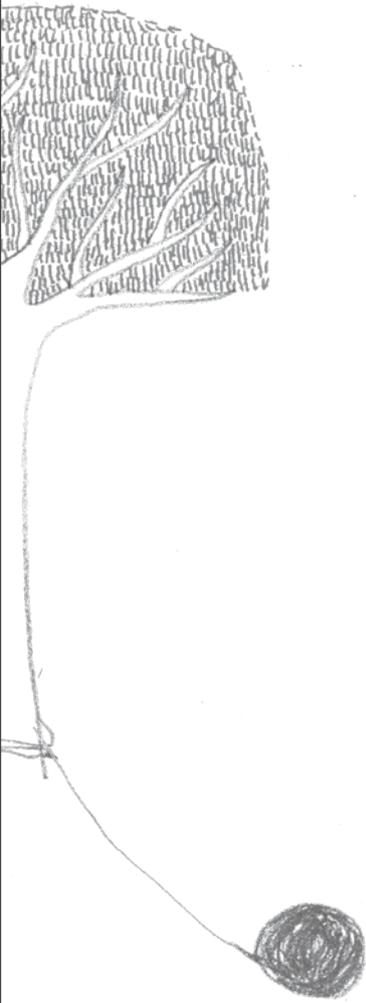
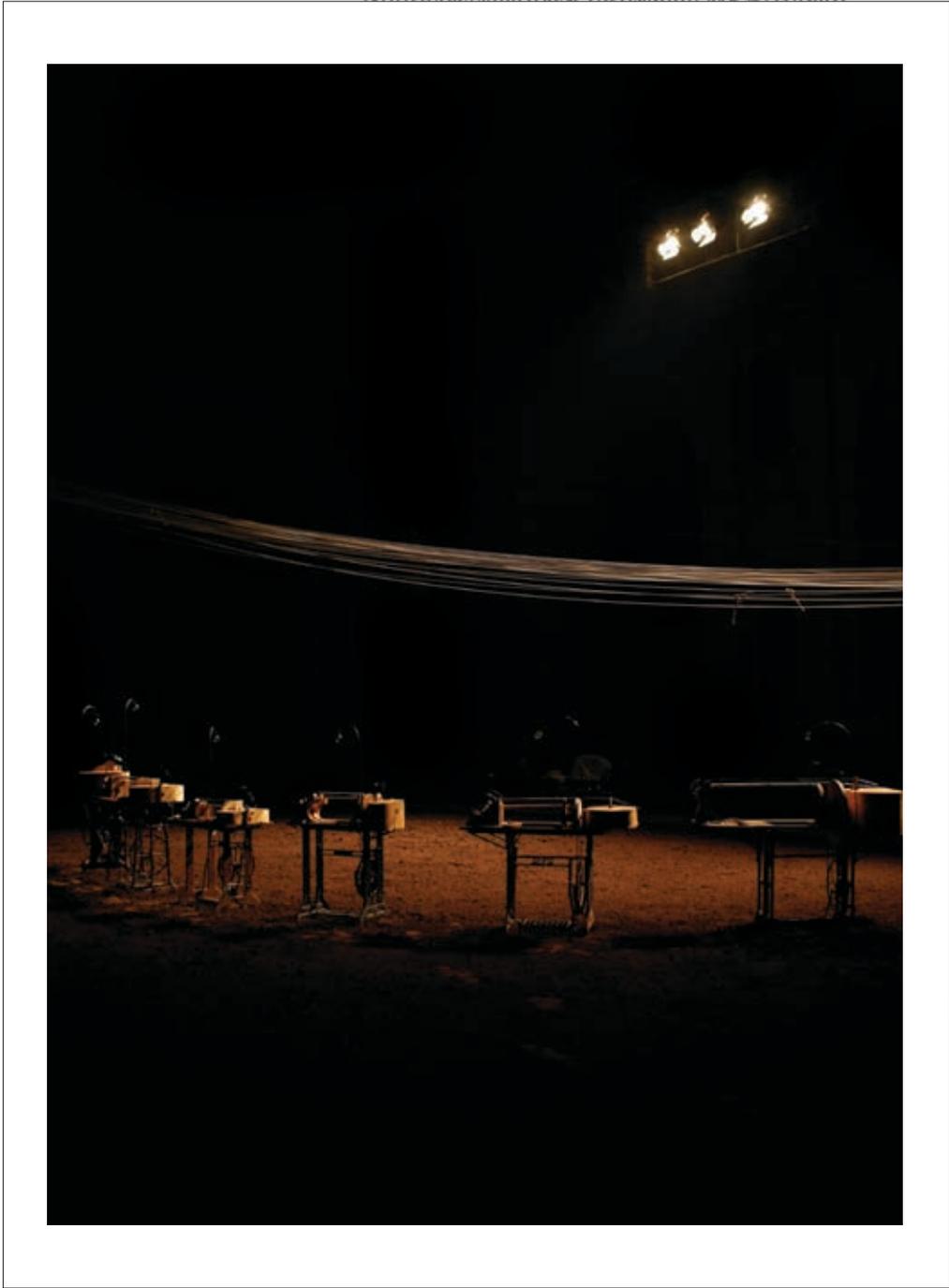
interpretação: *Ana Madureira, Graça Ochoa, Inês Mariana Moitas, Inês Oliveira, Joana Carvalho, Mafalda Saloio*

direcção de cena: *Ana Carvalhosa*

produção : *Ana Carvalhosa (direcção) e Cláudia Santos*

design gráfico: *João Vladimiro*

fotografia: *João Tuna e João Vladimiro*



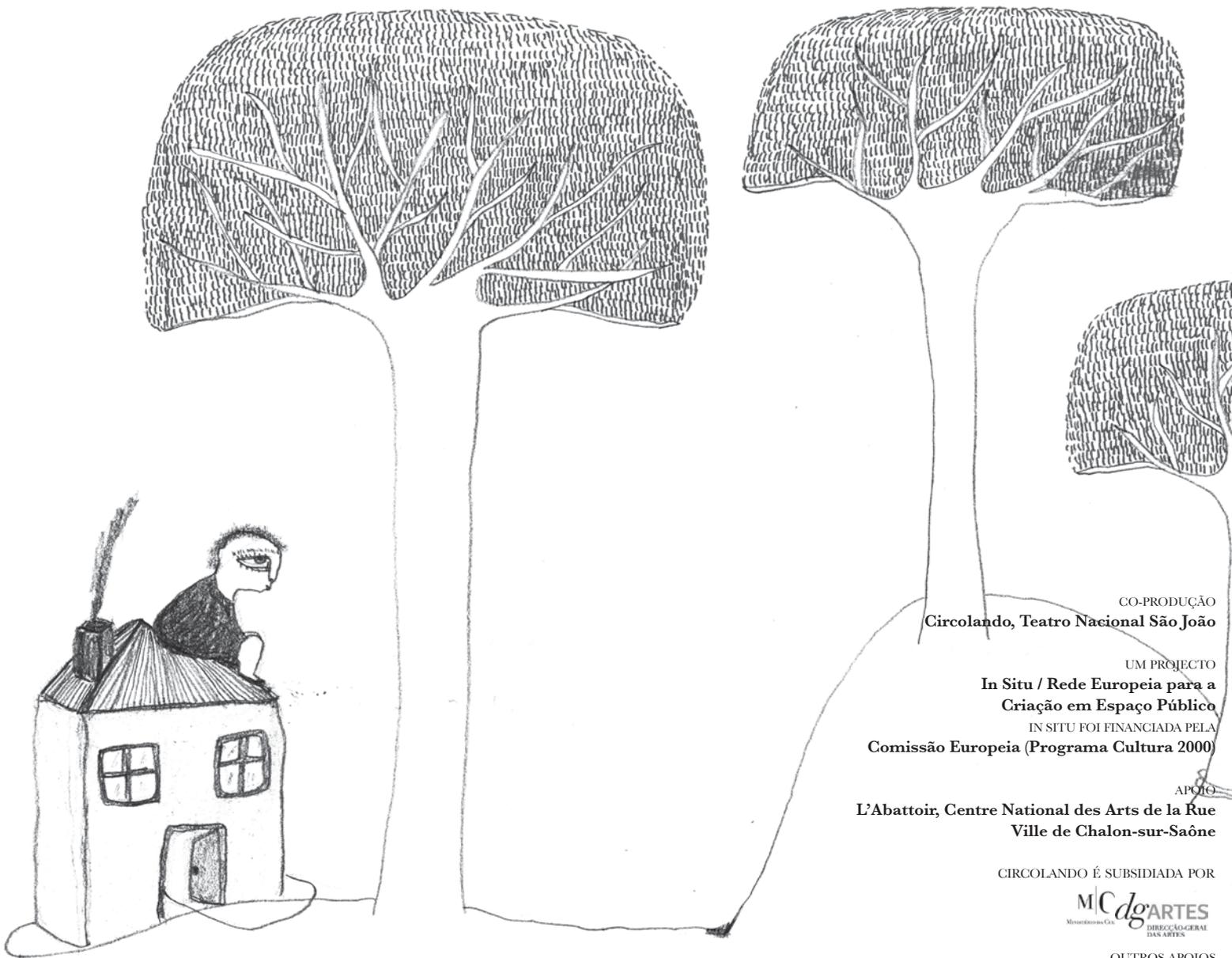
CIRCOLANDO – COOP. CULTURAL, CRL

R. Sta. Catarina 1207 4º EF | 4000 - 457 Porto, Portugal | tel/fax: + 351 22 518 91 57 | tm: + 351 93 627 26 36 | geral@circolando.com | www.circolando.com

CONTRATAÇÃO INTERNACIONAL

CARMINA ESCARDÓ – DROM

p.o.box 5255 | 08080 Barcelona, España | tel: +34 972 529 265 / fax: +34 972 529 017 | info@dromcultura.com | www.dromcultura.com



CO-PRODUÇÃO
Circolando, Teatro Nacional São João

UM PROJECTO
**In Situ / Rede Europeia para a
Criação em Espaço Público**
IN SITU FOI FINANCIADA PELA
Comissão Europeia (Programa Cultura 2000)

APOIO
**L'Abattoir, Centre National des Arts de la Rue
Ville de Chalon-sur-Saône**

CIRCOLANDO É SUBSIDIADA POR

M|CdGARTES
Museu de Arte Contemporânea de Guimarães
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES

OUTROS APOIOS
**Fundação Calouste Gulbenkian
IEFP Cace Cultural do Porto**